

Saúde para quem tem dinheiro no bolso

Consumidores ricos gastam nove vezes mais que os pobres com remédios e consomem metade do total vendido no país

Solano Nascimento
Da equipe do **Correio**

Os brasileiros mais pobres, cujas famílias ganham entre zero e quatro salários mínimos, representam 51% da população do país, mas compram apenas 16% do total de medicamentos vendidos no mercado. Nessa faixa, cada brasileiro gasta em média US\$ 18,95 por ano com remédios — o suficiente para comprar apenas uma caixa de antibiótico com 21 comprimidos ou um bom xarope —, menos de um décimo do que gastam as pessoas de famílias com renda acima de 10 salários mínimos ou R\$ 1.300.

O reflexo da desigualdade social na compra de medicamentos foi medido por pesquisa encomendada pela Associação Brasileira da Indústria Farmacêutica (Abifarma). Entrevistadores ouviram consumidores na porta das farmácias de capitais brasileiras. O levantamento não incluiu a distribuição gratuita de medicamentos pelo governo, por instituições religiosas e por organizações não-governamentais.

No ano passado, a indústria farmacêutica vendeu no país um total de US\$ 10,35 bilhões. Para avaliar o perfil do consumidor desse medicamento, a pesquisa dividiu a população em três faixas de renda: de zero a quatro salários mínimos, entre quatro e dez e acima de dez.

A camada intermediária de renda, que representa 34% da população, consome 36% do medicamento vendido nas farmácias e tem gasto *per capita* de US\$ 64,15 anuais. Nas famílias com renda acima de 10 salários mínimos, o gasto *per capita* chega a US\$ 193,40. Apesar de representarem 15% da população do país, as famílias com os rendimentos mais altos consomem 48% do total de produtos comercializados.

A funcionária da Organização dos Estados Americanos (OEA), Fernanda Ribeiro, 51 anos, gasta pelo menos R\$ 850 por ano com medicamentos.

É o quanto lhe custam os três remédios que têm de tomar diariamente. O Zocor, para controlar a taxa de colesterol, custa em média R\$ 48. O Premarim e o Primolut, para reposição hormonal, cerca de R\$ 20 e R\$ 6, respectivamente.

Fernanda não tinha o hábito de comprar remédios. “Não entendo por que as pessoas compram tanto remédio, sem necessidade”, estranha a mulher, que raramente compra medicamentos sem receita médica. “Em casa temos só isso”, diz, exibindo as caixas com as duas mãos. “Remédio no Brasil é muito caro. Graças a Deus posso tomar os que preciso.”

A falta de acesso aos remédios assusta o secretário executivo da Abifarma, Serafim Branco Neto. “O

que nos causou surpresa no estudo foi o número de brasileiros que estão fora do mercado. Quem consome mais medicamentos no país, na realidade, não é quem fica mais doente, mas quem é mais rico” avalia Neto. Para ele, o fato de o gasto per capita dos

mais pobres ser de US\$ 18,95 mostra que grande parte da população não gasta nada com remédio.

MÃOS VAZIAS

A exclusão no consumo é agravada pela limitação das doações de remédios. “A distribuição gratuita de medicamentos básicos ainda é deficiente”, diz Gilson Carvalho, assessor do Conselho Nacional dos Secretários Municipais de Saúde. “Muitas pessoas carentes deixam os balcões de postos de saúde de mãos vazias.”

Foi o que aconteceu com a diarista Cleunice Gomes dos Santos, 29 anos, que ganha dois salários mínimos por mês. Em junho ela começou a sentir dores no estômago e foi ao posto de saúde depois de perceber que a mistura de erva-cidreira, capim santo e hortelã, que costuma preparar para diminuir as dores no corpo e se acalmar, não poderia ajudá-la. O diagnóstico foi gastrite.

“A médica disse que eu precisava

Nehil Hamilton



Fernanda Ribeiro gasta cerca de R\$ 850 por ano com medicamentos: “Remédio no Brasil ainda é muito caro. Graças a Deus posso tomar o que preciso.”

DOSES DIFERENTES

Faixa de renda familiar	Quanto representa no total da população brasileira	Quanto consome do total de remédios vendidos no país	Consumo anual per capita de remédios
0 a 4 SM	51%	16%	US\$ 18,95
4,01 a 10 SM	34%	36%	US\$ 64,15
acima de 10 SM	15	48%	US\$ 193,40

Obs.: SM (Salário Mínimo)

Fontes: Abifarma e Ministério da Saúde

tomar um remédio, mas que tinha que comprar na farmácia porque era caro e, por isso, não havia amostra grátis. Eles só dão os que são baratos”, lamenta. Cleunice não se lembra o nome do remédio, mas diz com facilidade quanto foi: R\$ 23. Muito para quem tem que criar sozinha três filhos — o mais velho com 13 anos — e só se dá ao luxo de comprar remédio para dor de cabeça ou um xarope quando a dor de garganta fica muito forte.

Na avaliação do médico sanitário Jorge Bermudez, da Escola Nacional de Saúde Pública, os medicamentos no Brasil são caros e, apesar do Plano Real, não tiveram seus preços estabilizados, como ocorreu com outros produtos. “Alguns até dobraram de

preço”, afirma Bermudez, que no ano passado foi responsável pela elaboração da nova lista de medicamentos essenciais do Ministério da Saúde. “Como alguém que recebe um salário mínimo vai ter condições de comprar remédio?”

Cleunice não teve. Na segunda consulta, constatou-se que a gastrite não havia melhorado. “A médica receitou outros dois remédios. Não sei quanto custam porque nem fui à farmácia”, conta, dizendo que a dor no estômago ainda a incomoda.

ESSENCIAIS

Apesar dos aumentos, o preço dos remédios no Brasil está abaixo da média de países como Argentina, Itália,

França e Estados Unidos, diz a Abifarma. Para Serafim Neto, o grande problema é que a renda média do brasileiro é mais baixa que em qualquer um desses quatro países.

Além disso, uma comparação do preço médio do medicamento brasileiro com o de outros países pode disfarçar um outro problema. Na verdade, os medicamentos mais vendidos são aqueles que têm preço além da média e não são os mais necessários. Bermudez fez um levantamento e concluiu que somente 20% dos 50 medicamentos mais consumidos no país estão nas listas dos essenciais do Ministério da Saúde e da Organização Mundial da Saúde (OMS). “As vendas, na realidade, são incentivadas pelo mar-

keting dos remédios”, afirma. A lista do ministério tem 420 medicamentos considerados capazes de combater 90% dos problemas de saúde.

Segundo o médico sanitário José Ruben de Alcântara Bonfim, coordenador executivo da Sociedade Brasileira de Vigilância de Medicamentos (Sobravime), há uma indução de médicos e da propaganda para compra dos remédios mais caros e não essenciais. Ele conversou na última quarta-feira, com uma grávida de gêmeos, de uma família carente, que estava com anemia e não tinha comprado o medicamento que havia sido receitado porque custava R\$ 15,00. “O problema dela poderia ser medicado com um remédio de menos de R\$ 5,00”, diz Bonfim.

Para ele, essa situação seria revertida se fosse exigida a comercialização no Brasil dos medicamentos com os chamados nomes genéricos. Trata-se do princípio ativo de cada remédio, que não varia, ao contrário do que ocorre com o nome comercial. Assim, um médico receitaria um genérico e o consumidor poderia escolher o mais barato. “Isso reduziria extraordinariamente o custo”, afirma Bonfim.

■ Colaborou: Humberto Rezende